

# **O pensamento de Marx e sua atualidade**

**Zélia Leonel**

## **Apresentação**

Este trabalho procura, a partir das leituras dos textos de Marx destacar o que há de comum em todos eles, tentando, assim, se aproximar daquilo que é essencial no pensamento do autor: o seu entendimento ímpar do que é História.

Em todos os textos que compõem a grande obra de Marx, o Socialismo aparece como ponto de partida e de chegada do seu pensamento, não importando a ordem da leitura, se cronológica ou não. Em seguida, e como condição para a realização dessa necessidade histórica, aparece sua preocupação em analisar as relações entre as condições objetivas — grau de desenvolvimento das forças produtivas — e as condições subjetivas — formas do pensamento que decorrem do processo imediatamente material — demonstrando, assim, que a teoria, enquanto expressão do movimento real, passa a desempenhar um papel sem precedentes na direção das lutas de classe que porão fim ao estado de coisas, marcando a passagem da pré-história para a história. Marx deixa claro esse papel da teoria quando estabelece a distinção entre o processo revolucionário da burguesia e o processo revolucionário que o proletariado vinha cumprindo até então. Enquanto o processo

burguês apresenta um progresso cumulativo, tanto objetivo como subjetivo, que vai da subordinação formal do trabalho ao capital à sua subordinação real, correspondendo, objetivamente, ao desenvolvimento das forças produtivas pela confluência de todos os seguimentos sociais e, subjetivamente, ao domínio da filosofia e depois da economia política, com o proletariado vinha ocorrendo o inverso. Suas formas de luta, engendradas a partir do enfrentamento com a burguesia contra-revolucionária, vai, progressivamente, pelas derrotas, aprendendo a colocar-se fora da sociedade burguesa como classe independente. O que Marx está dizendo é que, para tornar-se revolucionária, essa nova classe deveria livrar-se das ilusões das frases revolucionárias e apossar-se do conteúdo material revolucionário, sem o qual seria impossível realizar sua tarefa histórica. É nesse sentido que *O Capital* representa a arma mais poderosa que Marx poderia legar ao proletariado, para apressar seu processo de aprendizagem na libertação dessas ilusões. Mas, por que, decorridos um século e meio, os partidos "revolucionários" não abandonaram suas ilusões? Essa parece ser a questão que a nossa época põe para ser resolvida. Para isso, não é preciso atualizar o pensamento de Marx mas sim encontrar, na nossa época, sua atualidade. Afinal, aprendemos com ele que só existe uma história: a que se realizou.

## O século XIX e o pensamento de Marx

Na obra marxiana, 1848 representa um marco sem precedentes na história da humanidade. Encerrava-se aí a fase burguesa de desenvolvimento social e, com ela, o que Marx denominou de pré-história, por ter a luta de classes desempenhado papel fundamental no seu desenvolvimento, abrindo-se uma nova fase na história da humanidade, cujo ponto de partida do desenvolvimento era a extinção de todas as classes, sendo que as atuais deveriam sucumbir nesta batalha final.

O século XIX não via nenhuma profecia nisso. Tanto que o comunismo é para o proletariado o próprio *movimento real que supera o estado de coisas* (MARX e ENGELS, 1982, p.52) e, para a burguesia *um espectro que ronda a Europa* (MARX e ENGELS,

s.d., p.21) e, por isso, o enfrentam como algo real. As lutas que se iniciavam teriam um caráter de vida ou morte: morte no sentido da destruição das forças produtivas privatizadas e vida no sentido de liberação da natureza social dessas mesmas forças produtivas.

Nenhum século anterior poderia colocar tais questões porque o comunismo real pressupõe o mercado mundial e, conseqüentemente, *a massa dos simples trabalhadores (...) e a perda, não mais temporária e resultante da concorrência, deste próprio trabalho como fonte segura de vida* (MARX e ENGELS, 1982. p.52).

O grau de desenvolvimento alcançado pelas forças produtivas, transmitido pelas gerações passadas e, em particular, pelo desenvolvimento burguês, estimula a crítica e a crítica da crítica. Na crítica de Marx aos seus críticos, a indústria é o livro aberto para se compreender essa época bem como todas as épocas passadas. Assim, diz ele: *A história da indústria e o modo de existência tornado objetivo é o livro aberto das forças humanas essenciais* (MARX, 1985, p.13). No último capítulo desse "livro", onde o interesse pelo lucro encerrou as leis da natureza levando à valorização do capital até suas últimas conseqüências, ele encontra o significado profundo de sua época, supera a crítica de seus contemporâneos e apreende, objetivamente, a natureza histórica do capital e o socialismo como conseqüência disso. O socialismo é, portanto, o ponto de partida do século XIX e o ponto de partida e de chegada do pensamento de Marx.

Aberta a nova era de revolução social, Marx expressa uma outra preocupação que vai estar presente em toda a sua obra, é a que trata das relações entre as condições objetivas e subjetivas, em função do grau de desenvolvimento das forças produtivas. Nesse sentido ele não pode economizar sua crítica à razão burguesa que deu a sua forma de existência uma explicação natural. Critica a Economia Política — ciência burguesa por excelência, que se desenvolve de forma cada vez mais verdadeira e conseqüente — dizendo que ela vai se tornando mais cínica, quanto mais se explicitam as contradições em conseqüência da indústria. Ao chamar os economistas clás-

sicos de cínicos, Marx não lhes atribui nenhum demérito, pelo contrário, os economistas são cínicos porque lêem a prática burguesa tal como ela é. São, na verdade, as modernas forças produtivas que submetem a Economia Política à crítica, e não Marx. Ele é só a expressão acabada dessa crítica que ele aprofunda, teoricamente, ao explicitar a dinâmica interna da sociedade capitalista, demonstrando que a concepção dos economistas, de que a sociedade burguesa corresponde à natureza humana se esbarra nas leis que regem a valorização do capital, e que, portanto, ela é histórica e não natural. Da mesma forma que a Economia Política, a Filosofia burguesa chega ao seu máximo desenvolvimento com Hegel, além do que não pode avançar sem se destruir e só pode, a partir daí, tomar a forma que tomou, na Alemanha atrasada com os neo-hegelianos, aos quais Marx dirige a seguinte crítica, depois de dizer que do outro lado do Reno já não ocorre história alguma: “(...) a libertação do homem não deu sequer um passo adiante ao dissolverem a filosofia, a teologia, a substância e todo esse lixo da auto-consciência, ao libertarem o homem da dominação dessa fraseologia sob a qual nunca esteve escravizado” (MARX, 1982, p.65).

Marx é rigoroso, também, com os socialistas utópicos que floresceram na primeira metade do século influenciando os movimentos operários com suas concepções de história pequeno-burguesas, de querer alcançar aquela justiça social anti-diluviana. Faltava, aos utópicos, a materialidade necessária, pois não se pode falar de igualdade e liberdade e deixar de ser burguês, sem ter, como pressuposto, a grande indústria. Na Ideologia Alemã ele fala dos meios necessários à liberdade real: “somente é possível libertar o mundo real através de meios reais não se pode superar a escravidão sem a máquina a vapor e a Mule Jenny, nem a servidão sem melhorar a agricultura.” (IDEM, *ibidem*).

Mas, foi dizendo que “não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência” (IDEM, p.37) que Marx desfechou o mais duro golpe em todo o conhecimento que o homem havia produzido sobre si mesmo. Decretou o fim da filosofia, revogando todas as suas concepções metafísicas, idealistas ou materialistas produzidas até então e deu, à concepção socrática do

**CONHEÇA-TE A TI MESMO**, os meios reais necessários para que o homem se conhecesse como produto do seu próprio trabalho. Para isso, foi necessário chegar, no século XIX, àquele estágio de desenvolvimento das forças produtivas no qual a materialidade toma a forma de consciência, unindo teoria e prática, e não mais da consciência contaminada pela matéria. Um tal desenvolvimento das forças produtivas traz na sua esteira a luta de classes, com a diferença de que não se trata mais do desaparecimento de uma para ascensão de outra, mas da extinção de todas elas, por se tornarem desnecessárias. Esta é a razão de Marx para se envolver pelo lado mais avançado do operariado, quando este se levanta contra a sociedade que ele construiu com o seu próprio trabalho. De força produtiva, criada pelo capital para valorizá-lo, converte-se em força destrutiva; primeiro destruindo as máquinas e depois se organizando como classe para enfrentar o inimigo comum, o capital. No processo de luta, que vai de 1848, na França, até a Comuna de Paris, em 1871, o operariado sofreu inúmeras derrotas, mas é nesse processo, de derrota em derrota, que ocorre o progresso do movimento operário. A cada derrota, a classe operária critica-se e vai-se tornando cada vez mais independente, tanto da burguesia financeira, da industrial, da pequena-burguesia, como do povo (campeinato e lupem-proletariado). Marx faz uma clara distinção entre o processo revolucionário burguês e o processo revolucionário do proletariado. O primeiro é cumulativo, tanto do ponto de vista objetivo como subjetivo, o segundo é, exatamente, o contrário.

No processo de gênese do modo de produção capitalista, que corresponde à fase da crescente subordinação formal do trabalho ao capital, a burguesia emergente vai, na prática, aglutinando todas as forças sociais, todos os segmentos da sociedade, ficando de fora apenas a fração do clero e da aristocracia feudal não-aburguesada e, na teoria, engendra a concepção de mundo impregnada de valores univesais. As forças produtivas colocadas em movimento a partir dessa unidade esmagam as velhas forças como um rolo compressor. O que sobra se manifesta sobre a forma de luta entre a velha e a

nova classe dominante até a vitória desta última. A partir daí, as novas forças passam a desenvolver-se livremente com uma tal potência que a Física jamais poderá conhecer, a não ser aquela que as mesmas relações sociais põem na Física, depois de criá-la na sua forma moderna. Marx refere-se a esse período dizendo: "*A burguesia, durante seu domínio de classe, apenas secular, criou formas produtivas mais numerosas e mais colossais que todas as gerações passadas em conjunto*" (MARX, s.d., p.25). Esse processo termina com a sua vitória final sobre o Estado, em 1789, na França. No *Dezoito Brumário*, Marx descreve como se dá o encerramento do processo cumulativo burguês e como tem início o processo inverso do proletariado. O processo de 1789 move-se em linha ascendente e chega à revolução, o de 1848 move-se em linha descendente e chega na contra-revolução. Na revolução de 1789, o poder girondino, incapaz de levar a revolução adiante, é dominado pelo jacobino que leva, depois, os girondinos à guilhotina. Com a revolução de 1848, ocorre o contrário. O proletariado junta-se ao partido burguês e depois é deixado de lado; os pequenos burgueses juntam-se aos republicanos e depois são deixados de lado; os republicanos juntam-se ao partido da ordem e depois são deixados de lado; o partido da ordem junta-se às forças armadas que deixa de lado para apoiar Napoleão. "*Cada partido ataca por trás aquele que procura empurrá-lo para frente e apóia-se pela frente naquele que o empurra para trás*" (MARX, s.d., p.221).

Atrás da aparente oposição entre monarquistas e republicanos, e entre as duas facções monarquistas pelo poder, a luta se travava entre a grande propriedade territorial e a alta finança dos Bourbons e entre a grande indústria e o alto comércio dos Orleans. E, atrás da luta do partido Social-Democrata pelos direitos do homem, estão os interesses materiais da pequena-burguesia. Nesse processo revolucionário e contra-revolucionário as coligações eram tão rápidas que "*as diferentes classes da sociedade francesa tinham necessariamente de contar as etapas de seu desenvolvimento por semanas, como antes as haviam contado por meio de séculos*" (MARX, s.d., p.156). Quanta ideologia ocultando os interesses! O proletariado não podia livrar-se das fantasias com a mesma rapidez,

já que *“de 1848 a 1851 o processo revolucionário suprimiu a aprendizagem lenta que deveria preceder o fevereiro de 1848”* (MARX, s.d., p.203). Essa é a razão do proletariado estremecer apenas a superfície. Quando pensava encerrar o processo revolucionário estava apenas criando o seu verdadeiro ponto de partida.

*“O que o proletariado conquistava era o terreno para lutar pela sua emancipação revolucionária, mas não de modo algum, a própria emancipação”* (MARX, s.d., p.117).

É nesse processo, de derrota em derrota, que o operariado vai aprendendo a se desvencilhar de todos os mistérios que envolvem as relações entre os homens como o aprendiz de uma nova língua que traduz sempre as palavras do novo idioma para sua língua natal. *“Mas, só quando puder manejá-lo sem apelar para o passado e esquecer sua própria língua no emprego da nova, terá assimilado o espírito dessa última e poderá produzir livremente nela”* (MARX, s.d., p.203).

A revolução do século XIX tem que assimilar esse novo espírito e exprimir as necessidades do mundo, e não das suas partes; para que o século XIX triunfe sobre o século XVIII, como *“a revolução de 1648 foi o triunfo do século XVII sobre o século XVI, a revolução de 1789, o triunfo do século XVIII sobre o século XVII”* (MARX, 1981, p.43). Mas, existe uma diferença fundamental entre elas. A revolução do século XIX *“não pode tirar sua poesia do passado e sim do futuro”* (MARX, s.d., p.205). Nesta batalha final, a questão tem que ser resolvida sem o limite das concepções anteriores, segundo as quais o homem tinha um destino a ser realizado ou da concepção burguesa de que a sociedade corresponde à natureza humana, para que *“os mortos enterrem seus mortos”* (IDEM, ibidem). Mas, para isso, é preciso que a classe revolucionária encontre imediatamente o conteúdo e a forma de sua atuação revolucionária, mas *“a classe operária francesa não havia chegado a esse ponto; ainda era incapaz de levar a cabo sua própria revolução”* (MARX, s.d., p.119). Essa incapacidade advém do fato da burguesia industrial não ter extirpado todas as raízes materiais da

sociedade feudal, sem o que não se tem o terreno necessário à revolução proletária, pois interpunham-se entre o trabalho assalariado e o capital, o campesinato e a pequena-burguesia. Um outro fato é que o coração da crise que engendrou o processo revolucionário francês, a partir de 1848, não está localizado na França, e sim na Inglaterra. Decorre disso que na extremidade do corpo burguês, onde o estágio de desenvolvimento material não possibilita distinguir claramente as classes, a possibilidade de ajustamento é maior. Daí, por que, na França, *“o pequeno burguês faz o que normalmente deveria fazer o burguês industrial; o operário faz o que normalmente deveria ser a missão do pequeno burguês”* (IDEM, p.172).

Se, por um lado, o operariado não tinha a consciência clara do seu conteúdo revolucionário, por outro, a burguesia *“tinha uma noção exata do fato de que todas as armas que forjara contra o feudalismo voltaram seu gume contra ela, que todos os meios de cultura que criara rebelavam-se contra sua própria civilização, que todos os deuses que inventara a tinham abandonado”* (MARX, s.d., p.237). Obviamente que a burguesia não tem só o conteúdo como também todas as armas reais, nacionais e internacionais para realizar o que realizou: a contra-revolução. No discurso pronunciado por Tocqueville, na câmara dos deputados da França, em 27 de janeiro de 1848, às vésperas da revolução, ele adverte seus pares dizendo: *“creio que dormimos no momento em que estamos sobre um vulcão.”* Assim, ele anuncia o que está por vir:

Olhai o que se passa no seio dessas classes operárias que hoje, eu o reconheço, estão tranqüilas. É verdade que não são atormentadas por paixões políticas propriamente ditas, no mesmo grau em que foram atormentadas outrora; mas não vêdes que as suas paixões, de políticas se tornaram sociais? Não vêdes que pouco se propaga em seu seio opiniões, idéias que de modo nenhum irão apenas durrubar tal lei, tal ministro, mesmo tal governo, mas a sociedade, o abalá-la sobre as bases nas quais repousa? Não ouvis que entre elas se repete constantemente que tudo o que se acha acima delas é incapaz e indigno de governá-las? Que a divisão dos bens feita até o presente no mundo é injusta? Que a propriedade repousa em bases que não são equitáveis? E não credes que, quando tais opiniões formam raízes, quando se propagam de



uma maneira quase geral, quando penetram profundamente nas massas, devem cedo ou tarde, não sei quando, acarretar as mais terríveis revoluções?

(TOCQUEVILLE, 1977, p.582)

A consciência, do século XIX, é a de que a revolução de 1789 não realizou, e nem podia realizar, sua concepção universalista de igualdade e liberdade, sem resolver a questão da propriedade e que, portanto, nas ilusões políticas da Revolução Francesa a frase ia além do conteúdo. Como um tal conteúdo material, a emancipação do século XVIII não podia ser outra coisa senão a emancipação política pelo fato de o Estado livrar-se de certos limites sem que o homem deles se liberte realmente. *“É a contradição que existe entre o burguês (ser real) e o cidadão (ser genérico); entre o membro da sociedade burguesa e sua aparência política”* (MARX, s.d., p.27). Mas, como diz Tocqueville, quando as *paixões de políticas tornam-se sociais* e a igualdade se coloca em termos materiais *é o conteúdo que vai além da frase*, conclui Marx. É pelo conteúdo que Marx diferencia a revolução do século XIX das revoluções passadas, dizendo: *“as revoluções anteriores tiveram que lançar mão de recordações da história antiga para se iludirem quanto ao próprio conteúdo, a revolução do século XIX deve deixar que os mortos enterrem seus mortos. Antes a frase ia além do conteúdo, agora é o conteúdo que vai além da frase”* (MARX, s.d., p.205).

Quando o “vulcão” emite seus primeiros sinais de atividade, mostrando o poder de sua força, em junho de 1848, imediatamente se organiza a força contra-revolucionária. Todos os partidos, que representam a sociedade francesa formam uma aliança nacional contra o proletariado que é derrotado, mas que, no dizer de Marx, *sucumbe com as honras de uma grande luta histórico-universal. Não só a França mas toda a Europa treme diante do terremoto de junho*” (IDEM, p.210). Com a erupção desse mesmo vulcão, em 1871, a aliança nacional deu lugar à aliança internacional da burguesia e foi necessária a traição do “Comitê de Salvação

Nacional” e a participação do exército alemão para conter tal força. A Comuna de Paris teve um fim trágico, mas não representou a vitória sobre o inimigo porque a burguesia tem diante de si um inimigo invencível que não pode destruir sem se destruir a si própria, já que é a sua própria condição de vida.

Não é por acaso que a burguesia internacional se volta contra Paris. O que começa em Paris alastra-se rapidamente. É o proletariado, de quase toda a Europa, que se levanta para mostrar, ao mundo, que a luta está declarada e que o comunismo é real.

Com o processo revolucionário nas ruas, Marx não podia perder tempo, pois o proletariado precisava de armas poderosas que lhe possibilitem enfrentar as poderosas armas da burguesia. Entre todas, a teoria revolucionária era fundamental para dar direção à luta. Da mesma forma que a existência do proletariado pressupõe o mercado mundial que rompe com as fronteiras da ação humana, sem deixar lugar para as chamadas questões nacionais, a teoria correspondente deveria romper com os limites da consciência imposta pelas lutas nacionais em condições materiais atrasadas. Isso o proletariado precisava entender, porque, diz Marx: *“Quando a história se torna uma história mundial a invenção de uma máquina torna-se um fato histórico-mundial mesmo que tenha sido produzida num país determinado”* (MARX, 1982, p.70-72) É hora de pensar grande para a realização da grande luta, unificando teoria e prática. Este é o sentido histórico da sua obra *O Capital*. Sem a unidade teórica não é possível a unidade prática, com a qual encerra o Manifesto: PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAISES, UNI-VOS!. Daí seu esforço em conduzir o movimento operário no plano internacional e, ao mesmo tempo, romper com a consciência ilusória que decorre de condições materiais atrasadas. É por isso que Marx é tão rigoroso na crítica aos socialistas utópicos e aos partidos pequeno-burgueses.

Ao contrário do que possa parecer, Marx não era contra a Economia Política e nem contra a Filosofia porque, tanto uma como outra, são formas de ser da Ciência, determinadas pelo grau de desenvolvimento das forças produtivas, mas estabelece clara distinção entre o desenvolvimento das forças produtivas e a produção da consciência possível (termo cunhado por Lucácks) até a grande indústria,

quando, então, o concreto-pensado torna possível a ciência da totalidade. A teoria assume, agora, papel fundamental na condução do processo revolucionário e não dá mais para transformar o chapéu em idéias porque os ingleses já transformaram os homens em chapéus, ou seja, a Filosofia já foi superada pela Economia Política. Agora, é hora de superar a economia política e produzir chapéus para todos os homens, se é que eles têm necessidade de chapéus.

É assim que o século XIX supera a Filosofia e a Economia Política e põe o socialismo na ordem do dia. É essa a materialidade que estimula o pensamento de Marx a operar a crítica da crítica e apreender o que a sua época põe de essencial. O socialismo, não mais como um ideal a ser conquistado, mas como necessidade histórica, marca a diferença entre sua concepção de história e todas as outras.

## **A atualidade do pensamento de Marx**

Parece um contra-senso falar em atualidade do pensamento de Marx, quando os últimos acontecimentos, nesse final de século, nos países do Leste Europeu, levaram o mundo inteiro a comemorar o enterro de Marx. Mas, quando o pensamento apreende as necessidades materiais que a sua época põe, ele vai além dessa mesma época, porque, em última instância, é o processo do trabalho que liga o presente ao passado e ao futuro. Sem particularizar as necessidades que a nossa época põe como sendo desse ou daquele país, continua tão atual como foi para o século XIX a necessidade histórica de que as forças produtivas se resolvam no sentido da sociedade, tão só porque a essência de todos os males que afetam os homens, no século passado, continua a afetá-los ainda hoje, apesar de todo o revisionismo, das “modernas” teorias e das mais avançadas tecnologias. Portanto, continua atual a *XI Tese Sobre Feurbach* de que o mundo precisa ser transformado. Por que, decorrido mais de um século, isso não aconteceu? Por que os partidos revolucionários não conseguem explicitar seu próprio conteúdo de modo a torná-los

distintos de todos os outros partidos? Por que seus programas são tão similares aos programas dos partidos burgueses? O que ocorreu com o processo de aprendizagem da classe operária? Com o “aprendiz de uma nova língua” que não conseguiu esquecer as ilusões de sua língua natal ao reivindicar “trabalho para todos”, “melhores condições de trabalho”, “reforma agrária”, “justiça social”? Que uso fez a classe operária da unidade teórica e prática se as revoluções continuaram ocorrendo nas extremidades do corpo doente, onde a possibilidade de ajustes são maiores, enquanto no seu coração adotam-se medidas reformistas? Estas questões não foram levantadas para serem respondidas, mas é possível que todas elas encontrem sua explicação na materialidade de nossa época por ser, ela própria, contra-revolucionária. Um século e meio de permanência das relações burguesas de produção, após cessar sua fase de desenvolvimento, foi suficiente para produzir uma outra forma de trabalho muito estendida, mas pouco conhecida. Trata-se da forma que o trabalho assume, neste final de século, quando o homem deixa de ser força de trabalho subordinado ao capital e criam-se formas de trabalho atrasadas para a reprodução de sua própria subsistência, e que se convencionou chamar de economia informal ou subterrânea. O que resta de subjetivo sobre uma tal realidade? Como tornar existência uma ciência que tem como ponto de partida a extinção de todas as classes pela superação das formas de trabalho que lhes deram existência, se, para sobreviver, o homem nunca teve tanta necessidade de trabalhar; quando se faz tanta apologia do trabalho; quando basta uma velha máquina de costura para o indivíduo tornar-se um micro-empresário e um “cidadão” que defende, acima de tudo, sua propriedade; quando políticos e economistas fazem a apologia da produtividade da economia subterrânea?

Só o capitalismo, no seu processo histórico, poderia realizar a expropriação completa do homem: primeiro, expropriando-o de seus meios de produção, depois, de suas capacidades subjetivas de trabalho, até torná-lo completamente descartável como qualquer outra de suas mercadorias. Em meio a esse “lixo descartado”, brotam formas atrasadas de trabalho como se fossem cogumelos e com uma exigência de trabalho historicamente (des)necessário, mas

que empolgam políticos e economistas<sup>1</sup>, enquanto que o grande capital se concentra, cada vez mais, com um mínimo de trabalho<sup>2</sup>. No entanto, é não subordinando diretamente todas essas formas de trabalho, mas, sim, coexistindo com elas que ele garante sua existência: a propriedade. Os estudos preliminares sobre o que se convencionou chamar de economia subterrânea, invisível ou informal em oposição à economia formal, apontam cifras estrondosas em relação a seu crescimento, mesmo que tais estudos não tenham resolvido a questão metodológica de como “visualizar o invisível”. As divergências entre os dados apontados por tais estudos são grandes e tendem a se acentuar cada vez mais, já que os economistas buscam, nas teorias econômicas vigentes, os parâmetros para interpretar essa nova realidade. Se os resultados desses estudos são contraditórios, a existência deles, por si só, serve de termômetro para acusar o crescimento dessa forma de trabalho pouco conhecida, mas que, sem dúvida alguma, coloca novas questões, para a nossa época: como o conceito de classes sociais, de luta de classes e a questão fundamental, do pensamento de Marx, que são as relações entre as condições objetivas e subjetivas, tão necessárias ao processo de transformação. Na *Crítica à Filosofia do Direito de Hegel*, Marx parte da seguinte premissa: “a teoria só se realiza numa Nação na medida em que é a realização de suas necessidades. Não basta que o pensamento estimule sua realização; é necessário que esta realidade estimule o pensamento” (MARX, 1982, p.119). Entende-se disso, que não é qualquer teoria que se realiza, senão aquela que apreende as necessidades reais estimuladas por essa mesma necessidade. Mesmo assim, ela pode se realizar, ou não, dependendo de como as forças materiais estão organizadas num determinado momento histórico. Tomando a realidade brasileira como exemplo, e sem desprezar o poder econômico e político de 0,9% das empresas brasileiras enquadradas na categoria de grandes, a existência de 99,1% do total de micro ou “de fundo de quintal” oferece a materialidade necessária à produção de uma consciência pequeno-burguesa que como diz Marx, no *Dezoito Brumário*,

referindo-se ao projeto desta classe: *sua mentalidade não ultrapassa os limites que esta não ultrapassa na vida, de que são consequentemente impelidos, teoricamente, para os mesmos problemas e soluções para os quais o interesse material e a posição social impelem, na prática, a pequena-burguesia*" (MARX, s.d., p.227). É evidente que essa transposição não pode ser tão mecânica, pois Marx falava de uma classe histórica, enquanto que hoje se trata de uma classe que tem sua origem—na sucata de uma sociedade sucateada. A pasmaceira é tal que não encontramos, na nossa época, a racionalidade do século passado, seja quanto ao desenvolvimento das forças produtivas, às classes sociais e ao nível em que se encontrava a luta de classes. Portanto, não se trata de atualizar o pensamento de Marx, mas de encontrar, na nossa época, a sua atualidade e, se necessário, aceitar, mesmo contrariando nossos desejos, a alternativa que melhor se identifica com a nossa época entre as duas que ele expõe no final da *Ideologia Alemã*, após concluir sua concepção de história: ou se dissolvem as relações existentes para dar passagem ao desenvolvimento das forças produtivas ou se destrói as forças produtivas mantendo as relações existentes. É assim que, quando o mundo inteiro comemora o enterro de Marx, ele está mais vivo do que nunca, assiste-se, ainda hoje, a única verdade por ele pronunciada: a morte do capitalismo, pois mesmo que nada sabemos sobre o futuro da humanidade, olhando o passado, temos certeza de que nada é eterno.

Zélia Leonel  
Professora no Curso de Mestrado em  
Fundamentos da Educação da Universidade  
Estadual de Maringá — PR

## Notas

1. Na carta do IBRE, publicada sob o título *A Força da Economia Subterrânea*, um grupo de economistas escreve: "(...) a medida em que a desestruturação econômica se agrava nos centros tradicionais do país (de economia formal) (...) no pólo oposto o Brasil cresce saudável e silenciosamente, na periferia daqueles antigos focos de

riqueza e poder (...). Este Brasil que está começando a saltar aos nossos olhos, bater à nossa porta e inviabilizar a fidedignidade de nossas estatísticas econômicas, passou a representar de uma hora para outra, a luz do fim do túnel, a chamada esperança, o fogo da liberdade que aquece o inverno da crônica recessão brasileira” (Conjuntura Econômica, junho de 1989, p.9).

2. Da Revista Veja transcrevemos o seguinte: uma pesquisa patrocinada pela Federação do Comércio do Estado de São Paulo mostrou que nada menos de 99,1% do total das empresas brasileiras se enquadra nas categorias de micro e pequena. Só no Estado de São Paulo, existem 1,8 milhão de micro-empresas, sendo que deste total 720.000 são pequenas indústrias de fundo de quintal. A pesquisa informa ainda que 0,7% é de empresas de médio porte e apenas 0,2% do total está na faixa das grandes. (Revista Veja, ano 22, nº 30, agosto de 1989, p.31). Esses percentuais sofreriam total inversão se tais empresas fossem analisadas tomando como critério a correlação entre produtividade e mão-de-obra empregada, isto é, as pequenas empresas são responsáveis pela grande maioria dos empregos e com um mínimo de produtividade, se comparadas com a grande empresa. Prova-se, assim, que esse é o melhor dos mundos possíveis, o mundo que cria empregos quando não há mais trabalho.

## Resumo

É incontestável o esforço que se faz, neste final de século, para enterrar Marx. Neste artigo, não pretendemos fazer reviver o que a história supultou, mas dar vida ao que está vivo. Dar atualidade às idéias de um autor para além de seu tempo não é fazer delas um dogma, se podemos encontrar aí a história tal como se fez e ainda se faz.

## Referências bibliográficas

- A Força da Economia Submersa. Conjuntura Econômica, junho de 1989, pp.9-12.

BARRIZZELLI, Nelson et alli. **Uma Introdução ao Estudo da Economia Informal no Brasil.** USP/SP. Faculdade de Economia e Administração, 1989, mimeografado.

LIMA, Beatriz Melo Flores. **Criptoeconomia ou Economia Subterrânea.** Estudos Especiais do IBRE, nº 5, 1985.

MARX, K. e ENGELS, F. **A Ideologia Alemã.** 3ª ed., São Paulo, Livraria Ciências Humanas, 1982.

MARX, K. **A Questão Judáica.** Editora Moraes, s.d.

\_\_\_\_\_. **Manuscritos Econômico-Filosóficos.** In: **Marx.** São Paulo: Abril Cultural, 1985 (Coleção: Os Pensadores).

\_\_\_\_\_. **Introdução à Crítica da Filosofia do Direito de Hegel.** In: **A Questão Judáica.** Editora Moraes, s.d..

\_\_\_\_\_. **A Miséria da Filosofia.** São Paulo: Global Editora, Coleção Bases, 46, s.d..

\_\_\_\_\_. **As Lutas de Classes da França de 1848 a 1850.** In: **Obras Escolhidas.** Vol. 1, Alfa-Omega, s.d..

\_\_\_\_\_. **O Manifesto Comunista.** In: **Obras Escolhidas.** Vol. 1, Alfa-Omega, s.d..

\_\_\_\_\_. **Introdução à Crítica da Economia Política.** In: **Marx.** São Paulo: Abril Cultural, 1982 (Coleção: Os Pensadores).

\_\_\_\_\_. **A Burguesia e a Contra-Revolução.** São Paulo: Editora Ensaio, 1981.

\_\_\_\_\_. **O Dezoito Brumário de Luís Bonaparte.** In: **Obras Escolhidas.** Vol. 2, Alfa-Omega, s.d..

\_\_\_\_\_. **Guerra Civil na França.** In: **Obras Escolhidas.** Vol. 2, Alfa-Omega, s.d..